

NÃO CONSIGO IMAGINAR M

Cristóvão Tezza lançou anteontem seu 11º romance, "O Professor", e já está na atual cena literária brasileira, autor do conceituado "O Filho Eterno", Te

Raul Marques
raul.marques@diariodaregiao.com.br

Em pleno ápice do furor juvenil, o catarinense Cristóvão Tezza destoou da maioria dos garotos de sua idade e concluiu um livro. Tinha apenas 13 anos. Não era qualquer projeto. Era o primeiro. A obra, no entanto, jamais venceu a barreira da publicação. Apesar da juventude e da necessidade de levar adiante sua mensagem, o autor desconfiou da qualidade do que acabara de escrever. Esperou.

O texto do livro, considerado ruim por ele, deve repousar solitário em uma gaveta repleta de passado, mas representa espécie de chamamento para o produzir literário. É, mesmo sem pretensão, o ponto de partida para a carreira de uma das vozes mais importantes, respeitadas e criativas da literatura brasileira atual. A passagem ilustra que vem desde sempre a paixão do catarinense pela arte de escrever.

"Se há um conselho que todo candidato a escritor deveria levar em conta: não tenha pressa", explica Tezza, que soma 62 anos e acaba de lançar o 11º romance, "O Professor", após hiato de quatro anos.

É a história do professor Heliseu, que, aos 70 anos, prepara-se para receber homenagem da universidade à qual dedicou a maior parte de sua vida. A homenagem desperta uma sucessão de memórias. Assim, Heliseu revisita momentos, nem sempre felizes, que marcaram sua vida, como a convivência com o pai rígido, o tempo no seminário e o relacionamento conturbado com o filho.

Tezza percorreu um longo caminho até conquistar uma legião de apaixonados leitores e a admiração da crítica, além de viver 24 horas por dia de literatura.

Na juventude, fez teatro em uma companhia do Paraná, participou da Marinha, trabalhou de forma ilegal na Europa e até foi relojoeiro - modos apenas para sobreviver, como afirma. Mais tarde, lecionou língua portuguesa nas Universidades Federais do Paraná e de Santa Catarina. Tornou-se doutor.

Somente em 1979 é que lançou "Gran Circo das Américas". Foi seu começo oficial. O reconhecimento nacional surgiu nove anos depois, em 1988, com "Trapó". Mas o ingresso no primeiro escalão da literatura brasileira ocorreu com "O Filho Eterno" (2007). O livro relata a relação entre pai e filho especial e ganhou os principais prêmios literários do Brasil, como Portugal Telecom, São Paulo de Literatura e Jabuti.

Com 55 mil exemplares vendidos, o sucesso foi tamanho que a obra acabou lançada em países como Itália, Inglaterra, Portugal, França, Holanda, Espanha, México e Austrália. Foi escolhido pelo Financial Times um dos melhores livros estrangeiros publicados no Reino Unido em 2013. Na prática, significou também uma nova rota na caminhada de Tezza.

O romance ofereceu ao autor a oportunidade, rara no Brasil, digase, de largar as aulas na universidade para viver exclusivamente da arte literária - livros, palestras e conferências. Tezza, aliás, não se enxerga imerso em outro ofício que não seja a escrita. "Não consigo imaginar minha vida sem escrever." E assim tem escrito seu nome na literatura nacional.

O escritor não elege nenhum dos livros que escreveu, até então, como sua obra-prima. "O meu melhor livro é sempre aquele que estou escrevendo no momento." Sempre que encerra uma obra, tem o costume de abrir uma cerveja para comemorar. Nessa entrevista ao **Diário**, Tezza fala sobre literatura, ofício de escrever, influências e muito mais.

Diário da Região - Na sua juventude, fez teatro, participou da Marinha, trabalhou de forma ilegal na Europa e até foi relojoeiro. O que você buscou nesse percurso que só encontrou na literatura?

Cristóvão Tezza - Na verdade, a literatura sempre esteve no centro de tudo - o que eu buscava eram modos de sobreviver. E, é claro, vivi intensamente sob o imaginário contestatório e alternativo dos anos 70.

Diário - Quando e como a literatura entrou em sua vida: você descobriu sozinho essa empolgante arte ou teve a felicidade de ser apresentado a ela ainda na infância?

Tezza - Não sei exatamente. Escrevi um livro inteiro ("O Espírito da Prosa") tentando responder a esta questão aparentemente simples: por que escrevo? Meus primeiros textos foram escritos nos meus 12 ou 13 anos; e Monteiro Lobato - em especial o livro "A chave do Tamanho" - foi o início de tudo.

Diário - Quer dizer que Monteiro Lobato teve papel importante em sua formação tanto como leitor quanto escritor? Infelizmente, as famosas histórias desse grande autor brasileiro parecem que não encantam mais as novas gerações...

Tezza - Monteiro Lobato foi fundamental para mim e para boa parte dos leitores brasileiros que se formaram dos anos 1940 aos anos 1970. Pa-

A tragédia cultural brasileira, hoje, está no ensino médio. Essa multidão semiletrada é o grande motor do nosso atraso

ra mim, foi uma influência profundamente racionalizadora, desmistificante, crítica. Até os 18 anos eu havia lido praticamente tudo dele, inclusive a literatura adulta. E sim, é verdade que hoje ele perdeu bastante de sua força e se tornou uma figura mais da cultura brasileira, em que é uma presença inescapável, do que propriamente da literatura.

Diário - Como é ser escritor profissional em um País onde a leitura, sobretudo de literatura, ainda deixa a desejar e enfrenta concorrência, muitas vezes desleal, da internet e da televisão?

Tezza - A literatura vem perdendo sua força desde o século 19, quando dominou praticamente todas as grandes questões do seu tempo. No século 20, a competição do cinema e da TV deslocou o poder e a própria função da literatura. Mas a internet significou um impulso em direção contrária - a internet é o império da palavra escrita, por paradoxal que isso pareça. E este detalhe vem favorecendo intensamente a literatura e seus novos caminhos. Quanto ao fato de ser escritor, essa escolha para mim nunca dependeu das circunstâncias externas. Eu escolhi ser escritor, e venho aguentando o tranco, digamos assim.

Diário - Falta percorrer um bom caminho para a gente ser considerado um País de leitores. Se você fosse presidente da República, que faria para incentivar a leitura?

Tezza - A tragédia cultural brasileira, hoje, está no ensino médio. O ensino fundamental precisa melhorar muito, mas o seu acesso hoje é quase universal. Já o ensino médio é o grande buraco negro da civilização à o brasileiro.

leira. São milhões de adolescentes que, todos os anos, acabam chutados para fora da escola, para onde jamais voltarão. Esta multidão semiletrada de brasileiros é o grande motor do nosso atraso. Livros não faltam - o que falta é leitor. Isto é, fazer o adolescente sair do mundo da oralidade e entrar no mundo da palavra escrita. Não é uma passagem simples.

Diário - Com déficit de leitura, vitaminas e cultura, não é de espantar que a escrita da população, de modo geral, esteja tão abaixo do que se pode considerar mediano...

Tezza - Sim, a escrita é o último estágio; seu domínio precisa de um pressuposto de leitura e familiaridade com os livros que não se vê quase que em nenhum lugar. Mas sou razoavelmente otimista; a internet está exigindo permanentemente leitura e escrita, mesmo que fragmentárias - ao contrário da TV tradicional, que é pura passividade e oralidade.

Diário - Você escreveu seu primeiro livro com apenas 13 anos de vida. Pelo que consta, o texto está apenas em sua lembrança ou guardado em alguma gaveta do passado. Não quis publicá-lo por conta própria, faltou oportunidade ou alguém disse para esperar um pouco mais...

Tezza - Seria uma tragédia publicar aquilo aos 13 anos, para mim e para os eventuais leitores. Era muito ruim. Lembro que aos 14 e 15 cheguei a ter uma história composta numa gráfica de Curitiba, por oferta do dono da gráfica. Foi meu primeiro contato com as "provas" - mas eu corrigia tanto o texto que, para felicidade geral, o livrinho nunca ficou pronto. Se há um conselho que todo candidato a escritor deveria levar em conta é este: não tenha pressa.

Diário - Você publicou seu primeiro livro, "Gran Circo das Américas", em 1979, ficou conhecido nacionalmente com "Trapó" (1988) e ingressou no primeiro escalão da literatura brasileira com "O Filho Eterno" (2007). Em sua opinião, qual é a sua obra-prima?

Tezza - Obra-prima, não sei; o meu melhor livro é sempre aquele que estou escrevendo no momento. Não consigo hierarquizar minha obra; cada livro teve importância grande para mim no momento em que o escrevia.

Diário - Esperava que uma história tão pessoal como a do livro "O Filho Eterno", onde você expõe as dificuldades e vitórias para criar um filho com síndrome de Down, fosse tocar tão no íntimo os leitores?

Tezza - Sinceramente, não; eu estava com muito medo da reação da crítica e dos leitores.

Diário - Quando você começou a escrever a obra, imaginava que a abordagem da síndrome de Down, no campo literário, iria ser importante para outros países que passam pela mesma situação?

Tezza - Eu não tenho certeza se este livro é mesmo importante para países de crianças Down; jamais pensei nisso quando escrevi. Este é um romance sobre a relação entre pai e filho especial.



MINHA VIDA SEM ESCREVER

estou pensando no próximo. Uma das vozes mais ativas, respeitadas e criativas
Tezza diz que seu melhor trabalho é sempre aquele que está em produção

A internet é o império da palavra escrita, por paradoxal que isso pareça. E este detalhe vem favorecendo intensamente a literatura e seus novos caminhos



Ele tem a perspectiva sempre ambivalente da literatura; não é um manual de nada. E, para ser sincero, tenho minhas dúvidas se é um livro adequado para alguém que acabou de ter um filho especial. É preciso se distanciar um pouco do problema para vê-lo melhor.

Diário - No aspecto financeiro, o sucesso do livro abriu uma nova janela em sua vida profissional. Foi possível deixar as aulas na universidade para se dedicar exclusivamente à literatura. Hoje, como é sua rotina de escritor que vive apenas da palavra?

Tezza - O sucesso de "O Filho Eterno" me deu coragem para sair da universidade (faltavam dez anos para a aposentadoria, e que não teria paciência, com o meu projeto acadêmico já esgotado). Mas não posso parar de trabalhar; apesar do sucesso e de vender bem regularmente, o livro nunca foi um best-seller. Mas tenho 15 livros publicados em catálogo; e muito da minha renda vem dos derivados do livro, por assim dizer - participação em feiras, encontros literários, festivais, mesas redondas. Minha rotina? Escrevo todos os dias pela manhã.

Diário - Qual sensação sente ao olhar para a tela do computador e perceber que terminou uma obra? Abre uma garrafa de vinho ou vai jantar em um restaurante especial...

Tezza - É uma sensação boa e angustiante ao mesmo tempo - eu nunca sei exatamente o que escrevi. E bebida, só cerveja.

Diário - Após hiato de quatro anos, você lançou, na última sexta-feira, um romance intitulado "O Professor"...

Tezza - É meu último e melhor romance, pela editora Record. É a história do professor Heliseu, que, aos 70 anos, prepara-se para receber uma homenagem da universidade à qual dedicou a maior parte de sua vida. A homenagem desperta uma sucessão incontrolável de memórias. Assim, Heliseu revisita momentos, nem sempre felizes, que marcaram sua vida, como a convivência com o pai rígido, o tempo no seminário, o casamento com Monica e o relacionamento conturbado com o filho.

Diário - Como você resolve a equação nada matemática: primeiro tem a ideia de um tema ou pensa que determinado assunto pode render conto, crônica ou romance?

Tezza - Crônica é trabalho braçal: pegar um tema do momento qualquer e entregar ao jornal um texto no prazo. Já a literatura funciona com outra lógica, mais sutil. Cada livro acaba tendo uma história própria.

Diário - Aliás, quando a crônica surgiu em sua história?

Tezza - Cinco anos atrás a Gazeta do Povo, o maior jornal aqui de Curitiba, me convidou para eu assinar uma crônica semanal na página 3. Relutei bastante - nunca havia escrito crônicas na vida - e acabei arriscando. Acabou dando certo, imagine, porque continuo contratado...

Diário - O cotidiano é fonte inesgotável para a escrita literária. As grandes personagens circulam por aí nos cafés da esquina, feiras livres e até mesmo supermercados?

Tezza - Para mim, a literatura funciona com temas mais densos e pesados, de lenta maturação. Os anos de formação, por exemplo, são uma grande fonte literária. Agora, é o cotidiano de fato que nos dá a vida dos personagens.

Diário - Como você avalia a literatura hoje, sobretudo com a chegada da internet e as revoluções que ela proporcionou e proporciona na nossa vida?

Tezza - A literatura está vivendo um grande renascimento no Brasil e a internet é um dos grandes responsáveis por isso. Ela permite uma circulação da informação literária, em todos os seus planos, como jamais foi possível em outro tempo. É uma importância instrumental fundamental. Mas não sou adepto da ideia de que a internet vai mudar a "essência" da linguagem literária, ou mesmo a concepção de "autor", ou qualquer outra borboleta teórica voando em torno. Ela é um meio, o mais poderoso de que se tem notícia. Mas a linguagem é minha.

Diário - Com 11 romances publicados, o que ainda falta produzir?

Tezza - Não consigo imaginar minha vida sem escrever. Termino um livro e já começo a pensar no próximo.

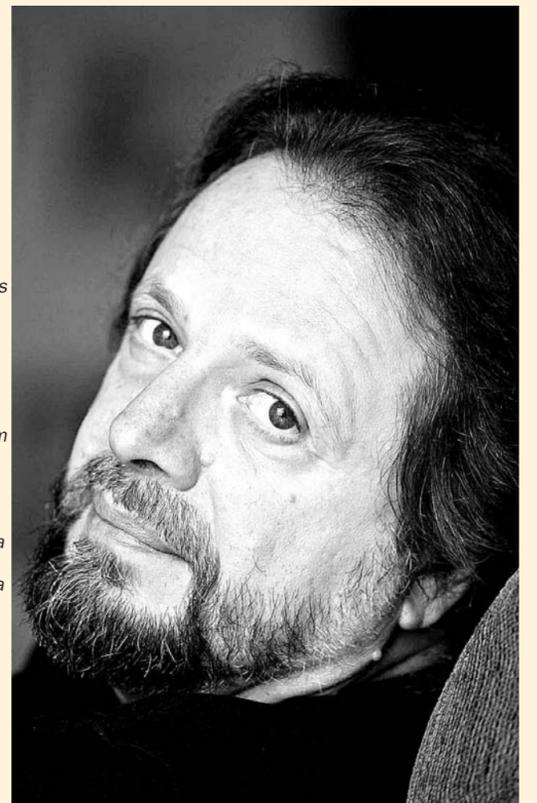
Diário - Tem alguma lembrança de suas passagens por Rio Preto?

Tezza - Sim; no início dos anos 70, acho que 1971 ou 72, participei de um Festival de Teatro fantástico na cidade. Acho que foi o ano de inauguração do teatro da cidade. Eu fazia parte de um grupo de teatro popular aqui do Paraná, dirigido por W. Rio Apa. Mais recentemente, já fui duas ou três vezes a Rio Preto participar de eventos literários, um deles pelo Sesc, sempre com boas lembranças.

Tenho minhas dúvidas se (O Filho Eterno) é um livro adequado para alguém que acabou de ter um filho especial

trecho do novo livro, "O Professor"

"Acordou de um sono difícil: sobre algo que parecia um leito, estava abraçado ao seu inimigo, que tentava aproximar os lábios dos seus. Não quis ser ríspido, entretanto, empurrá-lo para longe, como seria o óbvio, talvez agredi-lo com um soco; apenas desviou o rosto, dizendo algo que agora não conseguia mais ouvir, na claridade da manhã. Mas eram movimentos gentis, ele percebeu; tentava afastar-se dele com delicadeza, como quem desembarca de uma cama em que a mulher dorme e não deve ser acordada. O inimigo: sim, ele imagina que teve um, durante a vida inteira, e agora ele vinha assombrar até seus sonhos, com a sua proximidade pegajosa. Ficou intrigado, no gelo de quem acorda, com o fato de não se perturbar com a evidente sugestão sexual, aqueles lábios envelhecidos quase tocando os seus, uma imagem tão forte que não conseguiria mais esquecê-la, não esqueceria jamais, ele se assombrou, como se tivesse um interminável futuro pela frente, relembrando o sonho que viveu em 1952, criança, caindo de um desfiladeiro e salvando-se com a força de um grito - a mãe veio velá-lo, e lembra-se nitidamente daquela mão protetora nos cabelos, mais de 60 anos atrás. Jamais passou a mão nos cabelos de seu filho, mas os tempos eram outros, mais duros - ou apenas ele é que sempre se imaginou uma pessoa dura. Ora - e ele sacudiu a cabeça, voltando ao início. Quanto tempo? Setenta - e olhou os dedos, movendo-os lentamente, sentindo a breve dor que acompanhava os gestos ao amanhecer. Não importa. Chegando aos 71, ele corrigiu a si mesmo. A imagem da queda permaneceu, e era como se novamente caísse, o vazio no peito, a sombra do pânico, a montanha-russa na alma. Tudo é química, disse em voz alta em defesa, tudo é química, esses comprimidos, ele acrescentou, a voz baixinha agora, que ninguém ouvisse, tudo é química, eu sou vítima desses experimentos em pó em forma de comprimidos - e enfim sorriu, como se a simples explicação suprimisse toda a cadeia de desconcertos do amanhecer."



CRANDEL: